



O folhetim nas páginas do *Correio Paulistano* (1854-1940)

PATRÍCIA TRINDADE TRIZOTTI*

Resumo

Durante o século XIX, a adoção da rubrica folhetim ocorreu de forma gradual nos impressos europeus e constituiu-se como um espaço diversificado que abrigou textos de natureza variada, como crônicas, romances, críticas teatrais, poesias, biografias, charadas, anúncios e programas de espetáculos. No Brasil, o primeiro periódico a inserir em suas páginas foi o *Jornal do Comércio* (1839), que logo passou a oferecer aos seus leitores romances, publicados ao longo de várias semanas. Desde então, os nossos jornais reservavam espaço em suas páginas para o folhetim que assim como no velho continente, também estampava diferentes gêneros textuais. Os romances, sempre associados ao mesmo, só se tornaram predominantes décadas mais tarde. No caso paulista pode-se destacar vários jornais que adotaram a rubrica, entre eles o *Correio Paulistano* (1854 - 1963), órgão fundado por Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Assim, o objetivo da presente comunicação é analisar o espaço denominado folhetim, destacando suas transformações e adaptações ao longo da trajetória do *Correio*, além de enfocar outras questões pertinentes ao tema.

Quando o jornal *Correio Paulistano* foi lançado em 26 de junho de 1854 por Joaquim Roberto de Azevedo Marques, proprietário da Tipografia Imparcial, São Paulo era uma cidade pacata, sem muita animação além da decorrente das tropas de mulas, das procissões e festas religiosas, e da algazarra dos estudantes da Faculdade de Direito, criada em 1828. O desenvolvimento urbano teve limites estreitos e os registros nos autos-crimes revelam uma população espalhada pelos subúrbios, com atividades econômicas ainda ligadas ao campo. Os passeios e a diversão oferecida limitavam-se aos trechos das várzeas do Tamanduateí e ao Jardim da Luz e posteriormente a estação da primeira estrada de ferro, que cortou a cidade, a *São Paulo Railway Company*. São Paulo contava com uma Biblioteca Pública, anexa à Academia de Direito, e com poucos livreiros espalhados pelas ruas centrais que vendiam, sobretudo, livros de direito e poucos romances (CAMPOS, 2004).

*Doutoranda da Universidade Estadual Paulista/Unesp e bolsista Cnpq.



O longo artigo publicado no cinquentenário do *Correio Paulistano* acerca de sua trajetória permitiu levantar dados preciosos a respeito do jornal. Nele se indicava que sua história estava organizada em quatro fases denominadas “formação inicial, decadência e retrocesso, reorganização e consolidação e progresso”. A primeira começou com a circulação do primeiro exemplar e terminou em 14 de julho de 1855. Na época do lançamento, segundo recenseamento realizado pelo brigadeiro Machado de Oliveira a pedido do presidente provincial José Antônio Saraiva, São Paulo contava com 15.253 habitantes, dado contestado pelo articulista do *Correio*, uma vez que no censo de 1827, a cidade possuía 28.798 moradores. As calçadas das ruas eram deploráveis e a escuridão reinava absoluta e engolia a urbe, visto que os combustores a querosene eram colocados economicamente à distância e projetavam de longe o chão deserto das vielas esburacadas, como fez questão de lembrar o articulista do jornal (SOUSA, 1904).¹

Foi nesse ambiente “adverso” que Joaquim Roberto de Azevedo Marques “abalanchou-se a afrontar a insuperável hostilidade de um meio social abertamente refratário ao êxito de sua corajosa tentativa de lançar um jornal” (SOUZA, 1904). Para o empreendimento, contou com Pedro Taques de Almeida Alvim, que já trabalhara no *Clarim Saquarema* e no *Azorrague* (FREITAS, 1915). No cabeçalho, o jornal esclareceu que circularia diariamente, exceto nos dias santos, e que os artigos de interesse geral seriam publicados gratuitamente, enquanto que as correspondências particulares seriam cobradas. A assinatura anual montava a 12\$000 para a capital e 16\$000 no restante da província e a semestral era, respectivamente 7\$000 e 9\$000, sendo que os subscritores poderiam publicar anúncios gratuitamente, desde que não excedessem dez linhas (*Correio Paulistano*, 1854).

Em seu prospecto, o *Correio* criticava os outros jornais que não “advogavam” pelos interesses reais da província e propunha-se a “oferecer uma imprensa livre, já que a sociedade e o governo têm grande interesse no conhecimento da verdade” - daí a defesa da imparcialidade e o compromisso de disponibilizar todas as informações com “uma linguagem franca e leal.” Uma página era reservada para a cotação dos preços dos produtos, notícias da Câmara dos Deputados, da Faculdade de Direito, publicações do Ministério do Governo, além de colunas como “Variedades,” “Miscelâneas,” “Notícias e Fatos Diversos,” que continuaram a figurar nas edições subsequentes e continham informações sobre falecimentos, assassinatos,

¹ O artigo também foi publicado em livro posteriormente.



tempestades, apresentações teatrais, festividades religiosas, textos literários curtos e outros dados sobre o cotidiano da cidade. Por fim, essa primeira edição fechava-se com a declaração dos responsáveis, que expressavam o desejo de oferecer aos leitores um impresso em formato maior, o que não se mostrou factível nesse momento inicial. Solicitaram aos que receberam a folha, que se tornassem assinantes e aos que não se interessaram por ela pediam que a devolvessem.

A rubrica folhetim não integrou a edição de estreia do *Correio*, mas se fez presente na edição do dia seguinte, 27 de junho, quando em sua primeira página, com três colunas, devidamente separadas por um grosso traço do restante das matérias, figurou uma seção não assinada intitulada *Telégrafo* e que tinha por meta a “necessidade real e indeclinável” de publicar “artigos hebdomadários, onde se faça um *judeu* de tudo quanto for ocorrendo por ai e além.” Após esclarecer que o programa ainda não estava “assentado,” pois seria feito a partir do que “der a sorte e a pena,” sem que “professasse opinião política”, tal qual um verdadeiro telégrafo. A menção à política é importante, pois o folhetim tinha, pelo menos aparentemente, pouco compromisso com análises densas e sérias. Isso não significa que a rubrica não comportasse referências aos acontecimentos e questões que dominavam a cena política, mas o fazia de maneira rápida, bem humorada ou até sarcástica.

Em 22 de julho de 1854, quase um mês após seu lançamento, o *Correio Paulistano* inaugurou, no interior do espaço folhetim, a subseção intitulada *Revista Teatral*, apresentada aos leitores como voltada a tudo o que “pertencer a economia e política do teatro, porém com a vara da justiça.” Na estreia ocupou o rodapé de três páginas das quatro que o jornal possuía e nesse primeiro número analisou-se o drama *Joana de Flandres*, representado dias antes na capital, além do comportamento da plateia diante do espetáculo. Segundo Alberto Sousa, naquela época a diversão das famílias paulistanas restringia-se às “partidas e saraus” nas casas abastadas. Por isso, era sempre esperada a chegada de uma companhia dramática na cidade, quase sempre subvencionada pelos cofres provinciais.

No entanto, era na seção livre do *Correio* que as reclamações, queixas, disputas e exigências de toda ordem em relação ao serviço teatral passaram a ser vinculadas. Talvez o desejo do público em expressar suas vontades e insatisfações motivou o jornal a criar a *Revista Teatral* no interior do folhetim. Essa tinha por objetivo reunir as críticas sob a pena de alguém apto para avaliar o desempenho das peças, a atuação dos artistas e mesmo a estrutura da casa



de espetáculos. O mobiliário que servia ao teatro era sempre o mesmo e os cenários eram velhos e desgastados, pois apesar da subvenção do governo, a receita gerada não permitia reformas no teatro (SOUZA, 1904).

Alguns dias depois, ainda no mês de agosto de 1854, outra subseção foi inserida no interior do folhetim, *O Binóculo*, assinada com o pseudônimo Q e que confrontava a *Revista Teatral*, publicada quatro dias antes. Seu autor asseverava que daria ao leitor um “boletim teatral,” mais elástico e que não iria, tal como o colega, historiar a vida teatral. Expôs sua apreciação sobre o drama *Seis degraus do Crime*, representado naquela semana e avaliou a *performance* dos atores. A preocupação do jornal em sempre apresentar notícias e análises sobre o teatro reforça a importância da cena no lazer e na vida cotidiana dos paulistanos em meados do século XIX.

O *Correio Paulistano* publicou romances apenas a partir de janeiro de 1855, sendo o primeiro *Joaquim*, de Casimiro Henricy, em três colunas. Até fevereiro desse ano, o formato do *Correio* era do antigo papel florete, mas a partir do dia 15 houve aumento da folha para comportar a publicação dos debates da Assembleia Provincial, serviço que foi contratado para prestar. O antigo formato foi retomado em abril, frente ao encerramento dos trabalhos legislativos. No entanto, em maio, Azevedo Marques viu-se obrigado a reduzir a dimensão do jornal, indício de carência de recursos. Com a receita cada vez mais deficitária, o *Correio Paulistano* passou a circular apenas duas vezes por semana, em função dos custos do papel e outros materiais importados. Segundo Alberto Sousa, o período de retrocesso do jornal só terminou em 1858, quando a folha foi efetivamente reorganizada para firmar-se a partir de 1882 (SOUZA, 1904). Ao longo dos anos posteriores, o *Correio* continuou a publicar romances de escritores famosos como Camila Castelo Branco, mas sem deixar de apresentar aos seus leitores as outras seções de antes que tratavam dos mais diversos assuntos.

Quando em 1875, *A Província de S. Paulo* foi lançada, o *Correio Paulistano* deu uma nota a seu respeito, informando aos leitores que um jornal “em grande formato” havia “saído a luz.” Teceram-se largos elogios aos redatores, Américo de Campos e Rangel Pestana, pela “notória firmeza de caráter desses dois pensadores severos e estilistas primorosos”. Mas não se perdeu a oportunidade de lembrar que os mesmos redatores elogiados, já haviam trabalhado para o *Correio* anteriormente, ainda que ao fim da nota desejassem uma vida longa e próspera ao novo matutino criado (CORREIO PAULISTANO, 1875).



Nesse momento, o *Correio Paulistano* publicava *Os moicanos de Paris*, de Alexandre Dumas, em quatro colunas. A gama de escritores que figuraram no *Correio* em relação aos romances foi bem variada com a presença de franceses como Julio Verne, Emilio de Richebourg e Ponson Du Terrail, além de espanhóis, portugueses e mesmo brasileiros. Em relação àqueles que escreviam textos de ordem variada na rubrica folhetim, sua identidade permanece desconhecida, uma vez que muitos não assinavam seus escritos ou ainda utilizavam pseudônimos. Poucos eram aqueles que reconheciam sua autoria como o fez Valentim Ramalho, em 13 de março de 1890.

Em fins do XIX, o folhetim no *Correio* passou a ser publicado nas últimas páginas do jornal, muitas vezes em meio a publicidade. Na virada do século voltou a aparecer na segunda página e aos poucos, os romances passaram a serem predominantes, enquanto os demais textos foram descontinuados na rubrica pelo periódico. Já na década de 1910 o *Correio Paulistano* inaugurou, assim como outros jornais, edições extras para informar os últimos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial. Enquanto, Júlio Mesquita lançou o *Estadinho*, o *Correio* criou uma edição noturna que aos poucos incorporou não só o boletim do conflito, mas também outras seções que tratavam de outros assuntos. Em nota de 26 de janeiro de 1916, o *Correio* anunciou que para comemorar o sucesso da folha noturna que dentre em breve faria dois anos de existência, publicaria em folhetim nessa edição, “novelas e romancetes, originais e traduções, devido a pena de ilustres escritores.” Esclarecia ainda que as seções passariam por uma nova reformulação e que se tencionava a publicação de uma página inteiramente consagrada as letras e arte.

No entanto, mesmo com planos de inserir o folhetim numa edição noturna, o *Correio* em seu exemplar padrão continuou a apresentar romances para o público. Uma semana após informar sobre as modificações que seriam realizadas na edição extra, o jornal noticiava a nova obra que sucederia *Tragédias da Corte*, finalizada dias antes. A escolha foi *As doze espadas do Diabo*, de Henri de Cock, filho do conhecido Paul de Cock, que segundo o *Correio* era “um dos melhores romances de capa e espada da literatura francesa.” O jornal destacava ainda que era a primeira vez que a trama era publicada no Brasil e que o autor havia traçado de forma fiel os quadros históricos a fim de captar e atrair a atenção do leitor. O romance era cercado por raptos, emboscadas, duelos, traições, execuções, conspirações, amores e desventuras das moças da corte, rivalidades de espadachins e aventuras de viagem, o



que tornava a obra “um caleidoscópio da vida francesa no século XVII” (*Correio Paulistano*, 1916).

Durante a década de 1920, o jornal publicou outros romances de autores famosos como *O Regimento 145* (1920), de Jules Mary, *Rocambo* (1924), de Ponson Du Terrail, *Memórias de um Médico* (1928), de Alexandre Dumas e novamente Du Terrail com *A Mocidade do Rei Henrique* (1929). Na consulta realizada desses títulos no periódico, apenas o primeiro não havia sido incorporado na mesma página dos anúncios publicitários. Para a década de 1930, houve algumas novidades no jornal em relação aos folhetins. Em agosto de 1934, o *Correio* informou ao público que daria “dois esplêndidos brindes aos leitores.” A ideia consistia em publicar alternadamente, “dois folhetins cinematográficos”, ou seja, histórias que haviam sido escritas e foram interpretadas no cinema ou no rádio. Um dos primeiros registros acerca desse tipo de trabalho é de 1912, quando o *Edison Studios*, produziu uma série de doze episódios em filme do folhetim *What Happened to Mary?* Ao passo que cada episódio era lançado nos cinemas, ao mesmo tempo era publicada a versão escrita na revista *Ladies' World* (TORRES, 2014).

Os folhetins cinematográficos anunciados pelo *Correio Paulistano* eram *Quatro irmãs*, de Louise May Alcott, filmado pela rádio RKO e interpretado por Katharine Hepburn e o segundo *A casa de Rothschild*, de Lewis Allen Browne, baseado na adaptação de Nunnaly Johnson e filmado pela *20th Century Production* e apresentado pela *United Artists*. Ambos foram publicados na página intitulada *Cinematografia*, em duas colunas, no formato de livro. Tal página apresentava notícias sobre os atores e atrizes, as novas produções em andamento e a programação de cinemas e teatros. Havia também algumas publicidades das salas que exibiam filmes como as do Odeon e do Rosário, sendo que último naquele momento exibia as segundas-feiras *A casa de Rothschild*, dirigido por George Arliss e que em breve seria publicado pelo *Correio Paulistano*.

Para 1936, o jornal noticiou que acabara de adquirir os direitos de reprodução do *Manual do perfeito revolucionista*, de George Bernard Shaw, que seria de interesse do público por estudar “ao vários ângulos das tendências revolucionistas enquadradas na realidade da época em que vivemos”. Não era comum o *Correio* publicar uma obra que não fossem romances e tivessem cunho científico ou teórico. O jornal tentava convencer o leitor da importância da obra de Shaw ao afirmar que “tinha um verbo interessantíssimo, cheio de colorido e de



humor” e que tratava de um assunto importante. No prefácio, o autor se concentrava no “interessante conceito de John Tanner, um dos apóstolos do revolucionismo na Inglaterra.” Segundo o *Correio*, sobre o que representaria Bernard Shaw nas letras internacionais não era passível de se acrescentar mais nada, uma vez que “todos estão a par da sua projeção no cenário intelectual do mundo” (*CORREIO PAULISTANO*, 1936).

No ano seguinte a publicação do livro de Shaw, o jornal veiculou na página 14 de sua edição de 21 de janeiro, a reportagem *Esplendor e decadência do folhetim*. Nela o autor abria seu texto com a constatação de que os jovens da atualidade não poderiam imaginar o que havia sido o folhetim para seus avós e bisavós. Naquele momento, o gênero havia sido desalojado do lugar que durante muito tempo ocupou e foi lançado na obscuridade, enquanto seus leitores diminuía dia a dia. Mas as palavras do autor parecem controversas, já que ao mesmo tempo, afirmava que o folhetim era um sobrevivente nas últimas páginas da imprensa tradicional e possuía “uma massa considerável de leitores”. Após explicar o auge do folhetim e os motivos pelos quais ele agradava tanto a sociedade de antes, o autor em seu parágrafo final asseverou que o “espírito moderno é incapaz de esperar durante meses um desenlace, quando o cinema o acostumou a esgotar todas as emoções no espaço de uma hora” (*CORREIO PAULISTANO*, 1937).

O folhetim do *Correio* abriu a década de 1940 com o retorno ao formato horizontal, abandonando assim, a semelhança que tinha com um livro. A rubrica passou a ser apresentada como *Folhetim Dominical do Correio Paulistano* e como o próprio título indicava, era veiculado aos domingos. Em certos momentos se apresentava como uma espécie de miscelânea que trazia ensaios, pequenas biografias, contos, poesias, muitas vezes publicados de uma vez só. Em outros momentos, era composto por um único texto, geralmente assinado, e que por várias vezes, dividiu o espaço do jornal com a *Página Feminina*, ou com a seção Agrícola e de Pecuária. Permaneceu assim alguns anos sem qualquer publicação de tramas divididas em capítulos. Depois desse período não há notícias de que o jornal tenha voltado a publicar novamente a rubrica.

O *Correio Paulistano* deixou de ser editado em 1963, após de ter circulado por mais de cem anos. Nesse período, assumiu várias posturas políticas, já que sua orientação editorial mudava à medida que era acometido por crises financeiras, na mudança das circunstâncias políticas ou em decorrência da convicção de seus proprietários (PILAGALLO, 2012). O que



cabe destacar, a partir dessa análise da trajetória do folhetim no jornal *Correio Paulistano*, durante o período de sua circulação, é o diálogo do folhetim com os novos meios criados como o cinema e também o rádio. Apesar de perder o fôlego ao longo de sua trajetória na imprensa brasileira, o folhetim não desapareceu facilmente na alvorada da década de 1950 como muitos supõem. Ele ainda era publicado, o que evidencia que os donos dos jornais e redatores ainda o consideravam em alguma medida importante. A investigação do *Correio Paulistano*, bem como de outros jornais da imprensa paulista, podem colaborar para refletir sobre essas transmutações do folhetim e tornar mais complexa a compreensão desse gênero.

Referências Bibliográficas

CACHIN, Marie-Françoise, COOPER-RICHET, Diana, MOLLIER, Jean-Yves, PARFAIT, Claire. *Au bonheur du feuilleton*. Paris: Creaphis, 2007.

CAMPOS, Alzira de Arruda. Vida Cotidiana e lazer em São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade no Império 1823-1889*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CORREIO Paulistano (1854 – 1950)

FREITAS, Affonso de. *A Imprensa Periódica de São Paulo desde seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Tip. do Diário Oficial, 1915.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma historia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

NUNES, Mônica de Fátima Rodrigues. *Pauliceia literária: páginas e suplementos literários em jornais paulistanos (1920-1964)*. Tese de doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa Paulista*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.



PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade no Império 1823-1889*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TORRES, Eduardo Cintra. Folhetim, uma história sem fim: dos primeiros jornais de massa à internet. Disponível em: <http://lumina.jor.br/index.php/lumina/article/view/42/32>. Acesso em: 15 jul. 2014.